

Laércio Barbalho

Barbalhão ficou conhecido pela agressividade

TINA VIEIRA

BRASÍLIA — Para ganhar um inimigo no Pará, não é preciso muito esforço: basta chamar o senhor Laércio Wilson Barbalho, pai e primeiro suplente do presidente do Senado, Jader, de “catitão”. Na terra dos Barbalho, a palavra significa rato grande e entrou para o folclore político em 1982, quando um radialista chamou Laércio, em uma entrevista ao vivo, de “catitão da política paraense.” A resposta, nada simpática, também foi ao ar. Quem ouviu garante que era apenas Barbalho, o pai, em ação: agressivo, autoritário, impiedoso.

Barbalhão entrou para a política nos anos 40, pelas mãos do último coronel do Pará, o governador Magalhães Barata, interventor nomeado por Getúlio Vargas após a revolução de 1930. “Na tropa de choque de Magalhães Barata, ele era conhecido como “brigão e baderneiro”, lembra um político paraense.

Homem de origem modesta, Barbalhão fez carreira nos Correios. Foi deputado estadual pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 1968, foi cassado pelos militares e nunca mais voltou à política. Preferiu investir na carreira do filho Jader, que, como líder estudantil,



mostrava vocação para o negócio. Para Barbalho pai, ficou a missão de administrar o jornal *O Diário do Pará*, comprado por Jader em 1981, já de olho nas eleições para o governo em 1982, na qual se elegeu.

Foi como editor-chefe do jornal que Barbalho pai teve a chance de estampar em manchetes a agressividade com que trata os inimigos. Uma das capas do *Diário*, dedicada a uma deputada federal que fazia oposição a Jader, marcou a história da imprensa paraense. Sob o título “A vagabunda e o cornudo”, uma foto da adversária de Jader ao lado de seu amante. “Ele é assim. Se o Jader for cassado, o Senado Federal receberá um outro senador a sua altura”, alfineta outro desafeto de Jader.

O pai do ex-governador casou-se duas vezes e teve nove filhos. Aposentou-se nos Correios e hoje, aos 83 anos, está afastado da direção do jornal por motivo de saúde.